

CRÍTICA AO HISTORICISMO E JEZTZEIT: BREVE LEITURA DA TESE XVIII E DOS APÊNDICES DE *SOBRE O CONCEITO DE HISTÓRIA*

Barbara Smolniakof

RESUMO

Este breve artigo pretende apresentar uma leitura pormenorizada da tese XVIII e dos apêndices de *Sobre o conceito de história* de Walter Benjamin, onde ele explica porque o historicismo não é o melhor modo de abordar a história e define o principal conceito do seu livro, isto é, o *jeztzeit*.

Palavras-chave: Benjamin. História. *Jeztzeit*.

CRITICISM TO HISTORICISM AND JEZTZEIT: BRIEF READING OF THE THESIS XVIII AND THE APPENDICES OF *ON THE CONCEPT OF HISTORY*

ABSTRACT

*This brief article intends to present a detailed reading of the thesis XVIII and the appendices of Walter Benjamin's *On the concept of History*, where he explains why historicism is not the best way to approach history and defines the main concept of his book, this is, the *Jeztzeit*.*

Key-words: Benjamin. History. *Jeztzeit*.

1 Introdução

A partir de uma crítica à experiência moderna de tempo cujo fio condutor é a noção de progresso e é denominada como historicismo, Walter Benjamin elabora nas teses “*Sobre o conceito de história*” uma nova concepção de tempo. Para isso, ele leva em consideração a história de dois modos: (i) como o conjunto de acontecimentos passados e (ii) como as narrativas sobre esses acontecimentos. Este breve texto visa dois objetivos gerais. Primeiro, expor essa crítica a partir do apêndice A das teses “*Sobre o conceito de história*” apresentando as características do historicismo. Segundo, apresentar o que Benjamin propõe pensar como *jeztzeit* ou tempo-de-agora a partir da tese XVIII

Mestranda em Filosofia pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Brasileira, residente em Guarapuava - PR. E-mail: barbarasmolniakof@gmail.com

e do apêndice B do mesmo texto; tal conceito elementar parece ter como pressupostos o materialismo histórico e o messianismo.

Apesar de nos determos mais especificamente à última tese e aos apêndices de *Sobre o Conceito de História*, vez ou outra faremos referência a outras teses do mesmo texto, visto que elas podem ajudar a compreender melhor certas ideias. A escolha dos apêndices e da última tese do texto como objeto central desta exposição se deve ao fato de que parece ser neles que Benjamin define de maneira mais específica o que é o *Jetztzeit*. De fato, Benjamin fala dessa noção recorrentemente em praticamente todo o texto, mas, curiosamente, parece ser apenas no final do texto que sua definição é dada a partir da apresentação de suas notas mais características.

2 Contra o historicismo

Parece pertinente começar pelo apêndice A, presente no fim das teses sobre o conceito de história, porque é nele que Benjamin fala sobre o historicismo e o caracteriza como uma corrente que tende a identificar meros fatos como históricos a partir de uma causalidade entre eles. Mais do que isso, o historicismo se caracteriza como um modo de ver o tempo histórico como uma série infinita de acontecimentos semelhantes e causalmente relacionados em direção a uma finalidade (*télos*), que se deduz como uma história universal capaz de apreender através da investigação histórica a verdade objetiva dos acontecimentos. Benjamin caracteriza essa concepção de história como um espaço “vazio e homogêneo”: *vazio* por ser uma linha infinita sem conteúdo que tem como certo/relevante apenas seu fim e *homogêneo* por ser preenchido de modo cumulativo por uma série de eventos semelhantes e causalmente relacionados entre si, tal como ele diz já na tese XVII: “Seu procedimento é aditivo. Ela utiliza a massa dos fatos, para com eles preencher o tempo homogêneo e vazio” (BENJAMIN, 2005, Tese XVII).

O historiador que faz parte do que Benjamin chama historicismo olha a história sob o ponto de vista unicamente científico e objetivo, o que faz com ele permaneça acrítico frente aos fatos passados e frente ao seu próprio presente. Nas palavras de Gagnebin em *Cacos da história*, o “historiador burguês não

questiona nem sua posição, nem a maneira pela qual a história nos foi contada e transmitida, e ainda menos, a maneira pela qual ela se realizou” (GAGNEBIN, 1993, 56). Nesse sentido, a história não é apenas uma história entre outras, mas “o relato incontestável e edificante das múltiplas manifestações da vida humana” (Idem, *ibidem*). Assim, ao não se pôr de modo crítico frente aos eventos históricos e propor uma escrita e transmissão objetivas desses mesmos eventos, o historiador do historicismo acaba por disfarçar a luta de classes que é, para Benjamin, o pano de fundo da história. Ao ignorá-la o historicismo se conforma com a história dos vencedores e a reproduz (Cf. BENJAMIN, 2005, Tese VII, 70).

A luta de classes é o elemento material da formulação do conceito benjaminiano da história (Cf. PEREIRA, 2008), seu método materialista da história encontra antecedentes na obra *História e consciência de classes* de Lúkacs (Cf. LÖWY, 2005, Introdução) e tem como função resgatar o sentido político e social da experiência de tempo, em contraposição a uma experiência unilateral e vazia que se pretende objetiva como a do historicismo. Além disso, a história que Benjamin propõe que se conte é aquela dos eventos e pessoas esquecidos pelo historicismo (Cf. FREITAS, 110). E ele vê no materialismo histórico o método mais adequado para tal, pois é o materialismo que se coloca contra o historicismo e a teoria social democrata – estas entendem a evolução histórica como um efeito necessário do progresso técnico e econômico, ao qual resta apenas esperar, como ele mesmo fala na tese XIII sobre o conformismo.

No apêndice A das teses Benjamin diz:

O historicismo contenta-se em estabelecer um nexo causal entre os diversos momentos da história. Mas nenhum fato, por ser causa, já é, só por isso, um fato histórico. Ele se tornou tal postumamente, graças a eventos que dele podem estar separados por milhares de anos. O historiador que parte disso cessa de passar a sequência dos acontecimentos pelos seus dedos como as contas de um rosário. Ele apreende a constelação em que sua própria época entrou com uma determinada época anterior. Ele fundamenta, assim, um conceito de presente como tempo-de-agora, no qual estão incrustados estilhaços do tempo messiânico. (BENJAMIN, 2005, apêndice A, 140)

Neste trecho Benjamin critica a relação causa-efeito que o historicismo estabelece como algo intrínseco aos fatos. Segundo ele, um fato não é histórico apenas por ser causa, por isso o historiador deve adotar outro método de análise da história que não o causal. A relação que liga fatos passados ao contexto atual no qual o historiador se encontra é percebida a partir do que Benjamin chama

“constelação”. Ao que parece, o elemento da constelação, como o que caracteriza o fato passado como histórico reconhecido a partir do presente, parece ser algo como um *retorno* – é nesse retorno ao passado, a partir do presente no qual o historiador se encontra, que ele percebe a importância de tal evento passado para a história. E esse retorno é feito enquanto *memorização*, elemento fundamental para a caracterização da concepção histórica de Benjamin como *Jetztzeit*.

Ao não perceber a história como fragmentada em passado-presente-futuro e o passado como algo que ficou para trás, mas como um evento percebido *no* presente, trazido à tona no presente, o historiador funda um conceito novo de presente como “tempo-de-agora”, que interrompe a linha reta da história progressista, justamente porque não vê um evento passado meramente como um evento esquecido que ficou no passado, mas o vê em relação ao presente. E é neste “agora” onde se encontram o que ele chama “estilhaços do tempo messiânico”, que são como pequenos momentos em que há a possibilidade de lembrar algo do passado a partir de uma nova percepção do tempo (que possibilita uma nova narrativa), diferente do tempo linear e causal, o qual é análogo a “contas de um rosário” (Cf. OTTE, 1994, 39).

3 O *Jetztzeit* como tempo benjaminiano

Dada a caracterização da crítica de Benjamin ao historicismo, passemos agora à definição do tempo-de-agora. Ela já aparece na tese XIV como o que preenche a história: “A história é objeto de uma construção, cujo lugar não é formado pelo tempo homogêneo e vazio, mas por aquele saturado pelo tempo-de-agora (*Jetztzeit*)”. (BENJAMIN, 2005, Tese XIV, 119), mas parece ser o tema central da tese XVIII, onde ele diz:

“Os míseros cinquenta mil anos do *homo sapiens*”, diz um biólogo recente, “representam, em relação à história da vida orgânica sobre a terra, algo como dois segundos ao fim de um dia de vinte e quatro horas. Inscrita nessa escala, a história inteira da humanidade civilizada perfaz um quinto do último segundo da última hora”. O tempo-de-agora que, enquanto modelo do tempo messiânico, resume a história de toda a humanidade numa prodigiosa abreviação, coincide, exatamente, com a figura que a história da humanidade ocupa no universo. (BENJAMIN, 2005, Tese XVIII, 138)

Para ilustrar o tempo-de-agora ou *Jetztzeit* Benjamin elabora uma analogia

de três partes citando um biólogo, que, apesar de não ser identificado, sugere que pensemos num relógio. O seu curso completo de 24 horas, ou seja, a totalidade do tempo desde seu momento inicial até o presente, representa a história da vida orgânica como um todo. Os dois últimos segundos da última hora representam a história do *homo sapiens* e o último quinto do último segundo, isto é, uma parcela mínima de todo o tempo circunscrito pelo relógio, representa toda a história da humanidade civilizada. O que Benjamin chama de *jeztzeit* é equivalente a toda a história de toda a humanidade, que, se comparada à história ou tempo atribuído ao surgimento da vida como um todo, é uma parcela mínima.

Aqui parecem haver dois tempos: (i) aquele atribuído ao surgimento da vida, que é objeto de estudo da biologia, e que é muito maior que aquele (ii) tempo atribuído ao surgimento do homem, que é objeto da história. Ao comparar *toda* a história da humanidade mencionada pelo biólogo ao seu conceito de *Jeztzeit*, parece que sua intenção é salientar a brevidade desse tempo, que, por dizer respeito à história de *toda* a humanidade, abrange tanto a história que já foi contada, narrada, quanto as histórias não- contadas ou esquecidas.

O *Jeztzeit* é uma abreviação de toda a história porque é um conjunto que envolve tanto o presente e o passado histórico, isto é, registrado, quanto o passado esquecido, mas que é rememorado no próprio presente pelo historiador materialista. Nesse sentido, o termo “agora” que Benjamin utiliza para denominar sua concepção de história não parece ser usado no sentido ordinário de momento atual ou recente apenas, ele o ressignifica para caracterizar o tempo como uma *unidade* (da presença) dos momentos passados no presente (Cf. OTTE, 1994,84). E essa unidade é feita como *interrupção* do tempo linear através da *rememoração* da história que não foi contada ou foi simplesmente esquecida.

A rememoração é um elemento chave que caracteriza o tempo benjaminiano, pois é ela que permite que o tempo-de-agora quebre o tempo linear que Benjamin critica na medida em que resgata do esquecimento aquilo que o tempo linear não conta. Mencionamos brevemente que o elemento material da formulação benjaminiana de tempo é a luta de classes, segundo ele a história é contada do ponto de vista de quem sempre vence e, por consequência, quem é vencido ou oprimido é sempre ignorado por quem escreve a história. Aliado a esse materialismo, Benjamin também usa de elementos

teológicos que fundamentam o tempo-de-agora como reformulação da história, e a rememoração é um desses elementos, junto com a redenção como o que resultaria da rememoração (Cf. PEREIRA, 2008).

É no apêndice B das teses que Benjamin dá atenção a esses elementos de origem messiânica, onde ele escreve:

O tempo ao qual os adivinhos perguntavam o que ele ocultava em seu seio, não era, certamente, experimentado nem como homogêneo, nem como vazio. Quem mantém isso diante dos olhos talvez chegue a um conceito de como o tempo passado foi experienciado na rememoração: ou seja, precisamente assim. Como se sabe, era vedado aos judeus perscrutar o futuro. A Torá e a oração, em contrapartida, os iniciavam na rememoração. Essa lhes desencantava o futuro, ao qual sucumbiram os que buscavam informações junto aos adivinhos. Mas nem por isso tornou-se para os judeus um tempo homogêneo e vazio. Pois nele cada segundo era a porta estreita pela qual podia entrar o Messias (BENJAMIN, 2005, apêndice B, 142).

Parece haver dois momentos nesse trecho. Benjamin começa por apresentar o modo como os adivinhos se comportavam em relação ao tempo. Se eles quisessem saber o que o tempo escondia, ou seja, o que estava por vir, certamente eles não podiam vê-lo como homogêneo e vazio (atributos que Benjamin dá à noção linear de tempo). Aquele que chega a um conceito de tempo que experiencia o passado a partir do elemento da rememoração vê o tempo do mesmo modo que os adivinhos, ou seja, não como vazio e homogêneo, mas de uma maneira diferente.

Aqui Benjamin parece estar fazendo menção a ele mesmo, uma vez que ele defende uma concepção diferente de história e, por conseguinte, tem uma visão diferente do próprio passado; ou, no limite se refere aos historiadores que se servem de seu método materialista. A questão é, e esse parece ser o segundo momento do trecho, que a rememoração surge como elemento importante para sua noção de história, elemento este descrito a partir da sua valorização pela religião judaica: pois Benjamin menciona a Torá, que traz a rememoração como imperativo (*Zahor!*)¹ através do qual o presente mantém vínculo com o passado e é iluminado por ele.

A rememoração é importante também porque com ela o historiador não se prende a um futuro inevitável, típico de uma história progressista. Na medida em que o *jeztzeit* traz para o presente o passado esquecido, a rememoração

¹ Cf. LÖWY, 2005, p.142. Comentário de Michael Löwy ao apêndice B das teses sobre o conceito de história.

enquanto aquilo que o permite é também o elemento **redentor** da história, pois é rememorando o que foi deixado de lado pelo historicismo e todas as ideologias progressistas, que se redime a própria história. Enquanto termo de caráter teológico, a redenção é possibilitada pelo Messias. Enquanto termo aliado à história e usado em sentido profano por Benjamin, a redenção tem caráter político e linguístico na medida em que ao rememorar a história e restaurar os cacos deixados pelo historicismo se faz justiça àqueles que foram esquecidos (Cf. CANTINHO, 2015, 50; OTTE e VOLPE, 2000, 44).

Ainda de acordo com a citação, o tempo que enfatiza a rememoração, isto é, que se volta para o passado e o traz à tona ao invés de se preocupar com o futuro, não é visto também pelos judeus como homogêneo e vazio. Ele não é homogêneo porque relembra inúmeros fatos diferentes daqueles que foram cristalizados pelo historicismo, nesse sentido, ele não é um tempo fechado. E também não é vazio porque não se trata de uma linha infinita na qual o que importa é apenas a finalidade, mas é uma constelação, ou seja, um conjunto que une todos os elementos do passado ao presente, nesse sentido, ele é pleno.

Além disso, a rememoração da tradição judaica é o que proporciona a vinda do Messias, como Benjamin fala no final do trecho: “pois nele [no tempo da rememoração] cada segundo era a porta estreita pela qual podia entrar o Messias”. A figura teológica do Messias é transportada para a atividade do historiador do materialismo histórico, que tem a chance de redimir a humanidade enquanto rememora e narra **histórias** e não **a história**. Segundo a interpretação de Gagnebin, o historiador como quem representa o Messias não exatamente redimiria a humanidade por rememorar, ou seja, a redenção não estaria presente na própria rememoração, mas no modo como essa rememoração **interrompe** a história, dá precisamente um fim à história linear. Nesse sentido, não é que a rememoração conserve ou cultue o passado, mas ela **destrói** a história linear que separa o passado do presente e se concentra no futuro.

CONCLUSÃO

Assim, as características do tempo-de-agora formulado por Benjamin podem ser elencadas da seguinte forma: ele é heterogêneo, por resgatar a diferença que foi esquecida; é também pleno, por unificar passado e presente, a

Mestranda em Filosofia pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Brasileira, residente em Guarapuava - PR. E-mail: barbarasmolniakof@gmail.com

partir do qual o futuro é dado como esperança de redenção e não como uma coisa concreta e inevitavelmente garantida. Além disso, na medida em que esta história traz aquilo que o historicismo deixou para trás em nome de uma verdade que se pretende necessária, ela atua no campo das possibilidades, pois diz respeito à história daquilo que foi e também do que não foi, mas poderia ter sido.

Em contraposição ao método aditivo do historicismo que move a massa dos fatos apenas para preencher o tempo vazio, a história proposta por Benjamin é também qualitativa, no sentido de que dá o devido valor a cada evento passado a partir do presente no qual o historiador não apenas o rememora ao invés de apenas descrevê-lo, mas também usa do passado para pensar e criticar o próprio presente (Cf. LÖWY, 2005, Introdução). Por fim, a história como *jeztzeit* é redentora na medida em que resgata e traz à tona o que fora esquecido pelo historicismo: as histórias dos vencidos.

REFERÊNCIAS

BENJAMIN, W. Sobre o conceito de história. In___: LÖWY, M. **Walter Benjamin: Aviso de Incêndio: uma leitura das “Teses sobre o conceito de história”**. São Paulo: Boitempo, 2005.

CALLADO, T. C. A metafísica benjaminiana e o agora (*jeztzeit*). In___: **Cadernos Walter Benjamin**. Vol. 2, jan. /Jun. 2009, p.63-81.

CANTINHO, M.J. O conceito de messianismo na obra de Walter Benjamin: da linguagem pura à história universal. In___: **Cadernos Walter Benjamin**, vol. 15, jul./dez. 2015, p. 43-61.

FREITAS, J. S. A “miséria do historicismo” e sua desconstrução na filosofia da história de Walter Benjamin”. In___: **Cadernos Walter Benjamin**, vol. 9, jul./dez. 2012, p. 102- 115.

GAGNEBIN, J. M. **Walter Benjamin: os cacós da história**. 2ª edição. São Paulo: Editora Brasiliense, 1993.

_____. Teologia e messianismo no pensamento de W. Benjamin. In___: **Estudos Avançados**, vol. 13, n.37, São Paulo, set./dez. 1999, p.191-206.

OTTE, G. **Linha, choque e mônada. Tempo e espaço na obra tardia de Walter Benjamin**. Tese (Doutorado), Universidade Federal de Minas Gerais, pós-graduação em Letras- Literatura Comparada. Belo Horizonte, 1994.

OTTE, G e VOLPE, M.L Um olhar constelar sobre o pensamento de Walter Benjamin. In___: **Fragmentos**, n.18, jan. /jun. 2000, p.36-47.

PEREIRA, M. A. Repensar o passado – recobrar o futuro: história, memória e

redenção em Walter Benjamin. In___: **Revista História Unisinos**, 12 (2), maio/ago. 2008, p.148-156.

SILVA, S. Interrupção e história: Walter Benjamin e Bertolt Brecht. In___: **Revista de Teoria da História**, ano 8, vol. 15, n. 1, 2016, p.75-87.